

Prémio Municipal Carolina Beatriz Ângelo 2024
Proposta da CDU



Conceição Matos

Uma das 1755 mulheres que estiveram nas prisões do fascismo

O mais certo é nunca irmos a conhecer no número exato e a identidade de todas as mulheres presas por motivos políticos durante os 48 anos da ditadura fascista, mas é possível apresentar uma relação - seguramente próxima da realidade – de 1755 mulheres presas pelas polícias políticas desse período.

Elas estiveram nas prisões do fascismo

Edição URAP – União de Resistentes Antifascistas Portugueses, 2021

Maria da Conceição Rodrigues Matos

Nasceu em 1936 em São Pedro do Sul, distrito de Viseu.

Com apenas 3 anos de idade, mudou-se para o Barreiro.

Ainda adolescente adere ao Movimento de Unidade Democrática (MUD - Juvenil) e inicia aí uma atividade política que a levará a passar à clandestinidade em 1962, já integrada no Partido Comunista Português.

Foi presa pela polícia política, pela primeira vez em 21 de Abril de 1965, dias antes do assassinato de Humberto Delgado.

Foi impiedosamente torturada, tendo sofrido das piores humilhações infligidas a mulheres presas. Foi espancada, sovada durante vários dias, despojada das suas roupas, obrigada a urinar e a defecar numa sala de interrogatório e a limpar a sujidade com aquilo que trazia vestido.

O primeiro parágrafo da sua ficha da PIDE refere «Presa pela Delegação em 21-4-1965 por actividades contra a Segurança do Estado, tendo recolhido ao Depósito de Presos de Caxias».

Naquele dia, por volta das quatro da madrugada, uma brigada de agentes da PIDE, acompanhada por guardas da GNR, invadiu a casa onde, no Montijo, viviam Conceição Matos e o seu companheiro, Domingos Abrantes. *“Bateram à porta e, depois, como se ninguém respondesse, arrombaram-na com um pé-de-cabra, irrompendo pela casa dentro e vasculhando todas as divisões.”* Conceição, já desperta e treinada nas vicissitudes da clandestinidade, tivera o tempo suficiente para queimar os papéis comprometedores da organização à qual pertencia, o Partido Comunista Português. Já dentro do quarto, a polícia política apontou-lhe pistolas, ordenou-lhe que pusesse as mãos no ar e que se identificasse. A resposta foi o silêncio. O mesmo silêncio que manteve nos interrogatórios, durante os longos e tormentosos meses de cárcere em Caxias e, também, quando regressou à prisão pela segunda vez, em 1968.

Após as torturas a que foi submetida na António Maria Cardoso, Conceição regressou a Caxias - o «depósito», segundo a nomenclatura do Estado Novo. Apresentaram-lhe uma carta que diziam ter sido escrita por Domingos Abrantes, em que o seu companheiro lhe rogava que falasse, e disseram-lhe que ele tinha confessado tudo. Nunca acreditou. A mesma tática fora também usada com Domingos Abrantes, antes de este dirigente comunista ter sido torturado.

As sequelas físicas e psicológicas daqueles dias de tortura tardaram a desaparecer. Nos momentos em que as presas, suas companheiras de cela, podiam ir para o chamado «recreio», ela nunca as acompanhava. Sentava-se num qualquer canto e iniciava uma lenga-lenga imperceptível - repetia vezes sem conta a expressão «caixa de fósforos». Lembrava-se apenas que

as palavras correspondiam a um qualquer sinal de alerta dentro do partido, mas não conseguia fazer a respectiva associação ao vocabulário da clandestinidade. [Era prática manter sempre uma caixa de fósforos, juntamente com um líquido inflamável junto dos documentos importantes que deveriam ser destruídos se a casa fosse assaltada pela polícia].

Libertada em Outubro de 1966, Conceição Matos volta a ser presa em Setembro de 1968, regressando a Caxias onde ficou em total isolamento durante mais de dois meses.

“Na sua primeira prisão, em 1965, foi alvo de uma violência e uma tortura humilhantes. Foi interrogada na António Maria Cardoso, esteve em Caxias e depois foi novamente interrogada na sede da PIDE. Como é que era vista dentro da cadeia pelas outras camaradas?”

Com um certo respeito. Estive muito tempo isolada. Fiquei 17 dias numa cela, sem nada.

Como sabe que foram 17 dias?

Com a unha, riscava os dias num armário. Estava todos os dias a pensar: “Quando é que me vêm buscar?”

Depois da tortura do sono, espancamento, de me obrigarem a fazer as necessidades no chão, de serem limpas com a própria roupa... iam despindo a minha roupa, peça a peça. Queriam obrigar-me a levar a roupa suja para a casa de banho, mas não levei.

Obrigaram-na a urinar e defecar na sala de interrogatório. Quanto tempo durou esse interrogatório?

Três dias e três noites. Uma dizia: “Tenho vergonha de ser mulher. Não vai à casa de banho porque não quer. Fale e pode ir.” Logo, eu é que era culpada de não ir à casa de banho. Voltei para Caxias. Ouço na cela a bater na parede. Sabia que se comunicava assim. Nas pancadas perguntaram: “Tens um selo que vendas a um camarada nosso?” O que perguntavam logo: quem és tu?, onde foste presa? Disseram-me que no Montijo tinha sido preso um camarada muito responsável. Comecei outra vez a abanar... Se calhar o Domingos estava mesmo preso. Mas não tinha certezas nenhuma. “Foste torturada?” Contei.

Coragem hoje, abraços amanhã.

Essa frase era só uma saudação ou também funcionava como senha?

Era só uma saudação.

A PIDE sabia que era comum, com a tensão emocional, que aparecesse a menstruação. No documentário de Susana Sousa Dias, 48, várias mulheres falam nisso. Era uma humilhação de género.

Eu tive a menstruação. E não tinha com que me limpar. O Tinoco dizia: “Ele está muito preocupado que lhe venha a menstruação e não tenha pensos higiénicos.” Ele — o Domingos. Os espancamentos (e tive muitos), a gente aguenta. Os pontapés, os murros, o flash nos olhos. Agora, aquelas torturas morais... a mim doeram-me muito mais. Doeu-me terem-me despido à frente daquelas pessoas. Entraram todos, dez. Tentei esconder-me atrás de uma mesa, mas a pide

Madalena empurrou-me para o meio da sala. Isto depois de me espancar: 'Fala, sua puta. Não te rias' Chora, tens de chorar'." Queria obrigar-me a chorar!

Excertos da entrevista a Anabela Mota Ribeiro, 06 de Abril 2014

Conceição Matos prosseguiu o seu trabalho junto da Comissão Nacional de Socorro aos Presos Políticos e quando Domingos Abrantes foi libertado, em 1973, o casal regressou ao trabalho clandestino do PCP. Desta vez, para fora do país.

Quando aconteceu a Revolução dos Cravos, Conceição Matos e Domingos Abrantes estavam em Paris. Viajaram de avião para Lisboa, juntamente com Álvaro Cunhal e muitos outros exilados.

Para que a memória não se apague, Conceição Matos faz conferências e debates nomeadamente nas Escolas.

Tenho o dever de dar o meu testemunho. Se não dissermos o que se passou, esta juventude, especialmente a juventude, não sabe nada. Hoje há uma tendência grande para o branqueamento. Do que se passou, do que foi o fascismo.

Houve pessoas que morreram. Nós estamos aqui para contar a história. E vimos o 25 de Abril.

Em 2014, nos 40 Anos de Abril, participou na Conferência da Liberdade promovida pela Câmara Municipal de Odivelas.

Atribuir o prémio Municipal Beatriz Ângelo a Conceição Matos em 2024, ano em que se celebram ao 50 anos de Abril, é prestar homenagem a todas as Mulheres que lutaram pela liberdade e pela dignificação da condição social da Mulher.

Documentação consultada

Memória Comum: Memorial aos Presos e Prosseguidos Políticos 1926 - 1974
<https://memorial2019.org/presos/maria-da-conceicao-rodrigues-de-matos>

Memórias da clandestinidade e outras mais recentes
<http://memoriasdopresente.blogspot.com/2014/04/coragem-hoje-abracos-amanha-conceicao.html>

Elas estiveram nas prisões do fascismo, Edição URAP – União de Resistentes Antifascistas Portugueses, 2021.

Vozes Ao Alto: 100 Histórias na História do Partido Comunista Português, 2021, Miranda, Adriano e outros.